



Migração e Redes Sociais: a distribuição de brasileiros em outros países e suas estratégias de entrada e permanência

Wilson Fusco

Introdução

A emigração de brasileiros para outros países é um processo que acarreta inúmeros desafios para a maioria daqueles que decidem viver fora do Brasil. As adversidades que surgem são resultantes, essencialmente, da condição frágil em que a maioria dos brasileiros se encontra, seja por permanecer e trabalhar no país escolhido sem o visto apropriado, seja pelo traslado arriscado como acontece na passagem de algumas fronteiras, ou ainda pelas diferenças culturais e lingüísticas com o país de destino. As redes sociais, estruturas por onde circulam recursos para a organização dessas comunidades no exterior, têm sido crescentemente utilizadas como um conceito útil para explicar processos particulares à migração internacional.

O objetivo deste trabalho é analisar de que forma alguns aspectos da organização social das comunidades brasileiras em outros países – mais especificamente nos Estados Unidos e Japão - condicionam a inserção do migrante nesses países. Interessa, particularmente, a verificação de determinadas práticas de utilização dos recursos que circulam por meio de laços sociais, em associação aos efeitos de expansão do movimento, adaptação do migrante no destino, e conexão entre pontos muito específicos na origem e no destino.

Brasileiros pelo Mundo

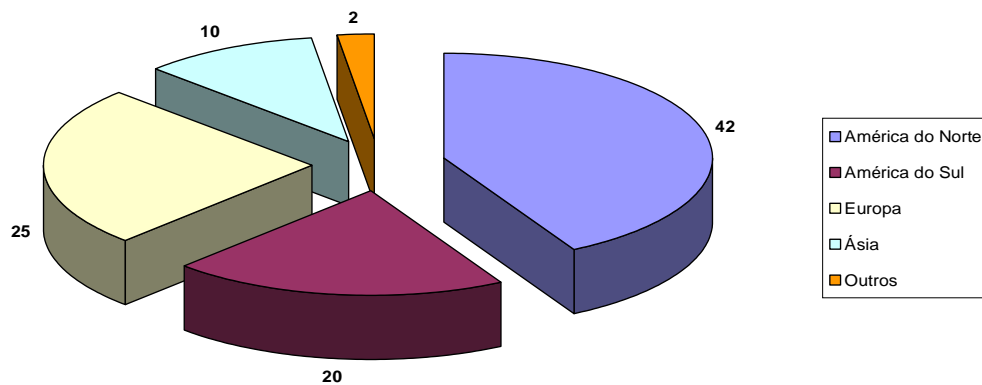
O número absoluto de migrantes que constitui o contingente de brasileiros vivendo em diferentes países, assim como a distribuição proporcional dessa população, é algo difícil para se avaliar com a exatidão necessária. Essa

dificuldade existe, principalmente, pela constatação de que as instituições ligadas às estatísticas populacionais não captam de forma precisa os migrantes residentes que estejam em situação irregular. É sabido que grande parcela dos migrantes brasileiros não possui a documentação exigida para entrar, permanecer e trabalhar no país de destino. Quando se encontram nessa situação, de maneira geral, os migrantes tendem a não se expor aos levantamentos estatísticos, o que origina importante lacuna para os estudiosos do tema no Brasil.

Por outro lado, uma instituição do Governo Federal tem se esforçado para produzir informações atualizadas sobre as comunidades de brasileiros em outros países. Segundo as estimativas do Ministério das Relações Exteriores, as principais regiões de destino para os brasileiros, agregando 98% do total, são América do Norte, América do Sul, Europa e Ásia; no outro extremo observa-se que América Central, África, Oceania e Oriente Médio somam somente 2% dos emigrantes naturais do Brasil (Gráfico 1).

Gráfico 1

Distribuição percentual de brasileiros migrantes segundo região de residência em 2007.

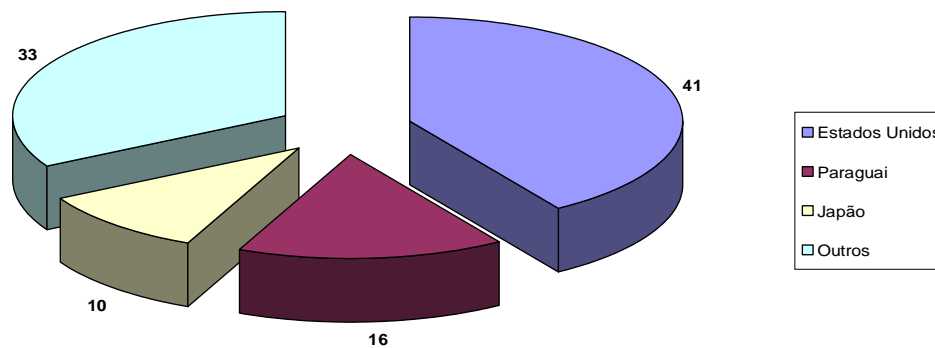


Fonte: Ministério das Relações Exteriores

No interior de cada continente, alguns poucos países - Estados Unidos, Paraguai e Japão – agregam quase 70% de nossos emigrantes (Gráfico 2). Esses dados denotam a forte concentração espacial quando se considera a distribuição desses migrantes internacionais pelo mundo, já que a lista do MRE contempla mais de 100 países onde vivem brasileiros.

Gráfico 2

Distribuição percentual de brasileiros migrantes segundo país de residência em 2007.



Fonte: Ministério das Relações Exteriores

Ao analisarmos os dados da tabela 1, a qual mostra a distribuição de migrantes segundo o país de destino em dois momentos diferentes, podemos concluir que em 2001 as comunidades de brasileiros estavam ainda mais concentradas nos três principais países (77%) – Estados Unidos, Paraguai e Japão – do que em 2007 (67%). Um dos pontos a se destacar nessa questão é que a perda de participação desses destinos mais importantes ocorreu em correspondência ao aumento da participação de países da Europa como novos destinos. Ainda que nenhum país Europeu, isoladamente, tenha superado em volume a quantidade de brasileiros que encontramos no Japão, por exemplo, a Europa em conjunto passou a contabilizar 25% dos nossos migrantes.

Outro elemento importante é a constatação do expressivo aumento do contingente de nacionais vivendo em outros países. A mesma tabela 1 permite estimar em 61% o crescimento da população migrante no período de seis anos. Ou seja, ainda que a população de brasileiros tenha diminuído proporcionalmente sua participação nos três principais países de destino, seu volume em números absolutos aumentou em todos eles nesse mesmo período. Assim, verifica-se que a saída de brasileiros é um processo que tem aumentado em intensidade e parece não haver sinais recentes de que o processo em curso seja interrompido ou sofra reversão.

Tabela 1
Distribuição de brasileiros migrantes segundo país de residência e ano do levantamento.

País de residência	2001		2007	
	N	%	N	%
Estados Unidos	799203	42,3	1240000	40,7
Paraguai	442104	23,4	487517	16,0
Japão	224970	11,9	310000	10,2
Outros	421618	22,3	1007245	33,1
Total	1887895	100,0	3044762	100,0

Fonte: Ministério das Relações Exteriores. Tabulação própria

O número de brasileiros migrantes tem aumentado consistentemente, conforme referido anteriormente. A complicada situação econômica pela qual o Brasil passou durante a década de 1980, período reconhecido como o início de fluxos importantes de brasileiros para o exterior, não é mais a realidade nacional. Ainda que a situação econômica nacional tenha melhorado, a trilha aberta para o exterior continua a atrair muita gente. As redes sociais, por um lado, e o recrutamento ativo, por outro, mantêm a dinâmica migratória internacional em alta.

Redes Migratórias

Informações estatisticamente representativas sobre comunidades de migrantes internacionais somente podem ser encontradas, na maioria dos casos, quando os integrantes de tais comunidades caracterizam-se como

“migrantes legalizados”. Mas esse não é o caso para o migrante de retorno. Uma vez em solo brasileiro, todo indivíduo pode responder às questões do censo sem medo de sanções, tais como poderia sofrer pela situação vulnerável em que se encontrava enquanto migrante irregular. É por meio desta fonte de dados que podemos obter importantes informações acerca dos grupos de brasileiros que vivem ou viveram no exterior e de suas redes migratórias, as quais ligam alguns pontos da origem a lugares específicos no destino.

A caracterização de “migrante retornado” – por meio dos dados do censo do IBGE - não deve ser considerada como determinante do fim da “carreira” de um indivíduo como migrante, mas, ao contrário, apenas um retrato que pode ser alterado muito rapidamente. Isso é fato porque todo retornado pode voltar a um país estrangeiro não uma, mas quantas vezes quiser ou puder, após o censo que o registrou. Por essa perspectiva, a utilização da informação censitária sobre migração de retorno ao Brasil pode ser considerada como forma de conhecer a própria comunidade de migrantes internacionais – ou, ao menos, uma parte dela -, uma vez que essas pessoas já viveram certo tempo em outro país e podem, a qualquer momento, retomar seus projetos de morar e trabalhar em um país estrangeiro.

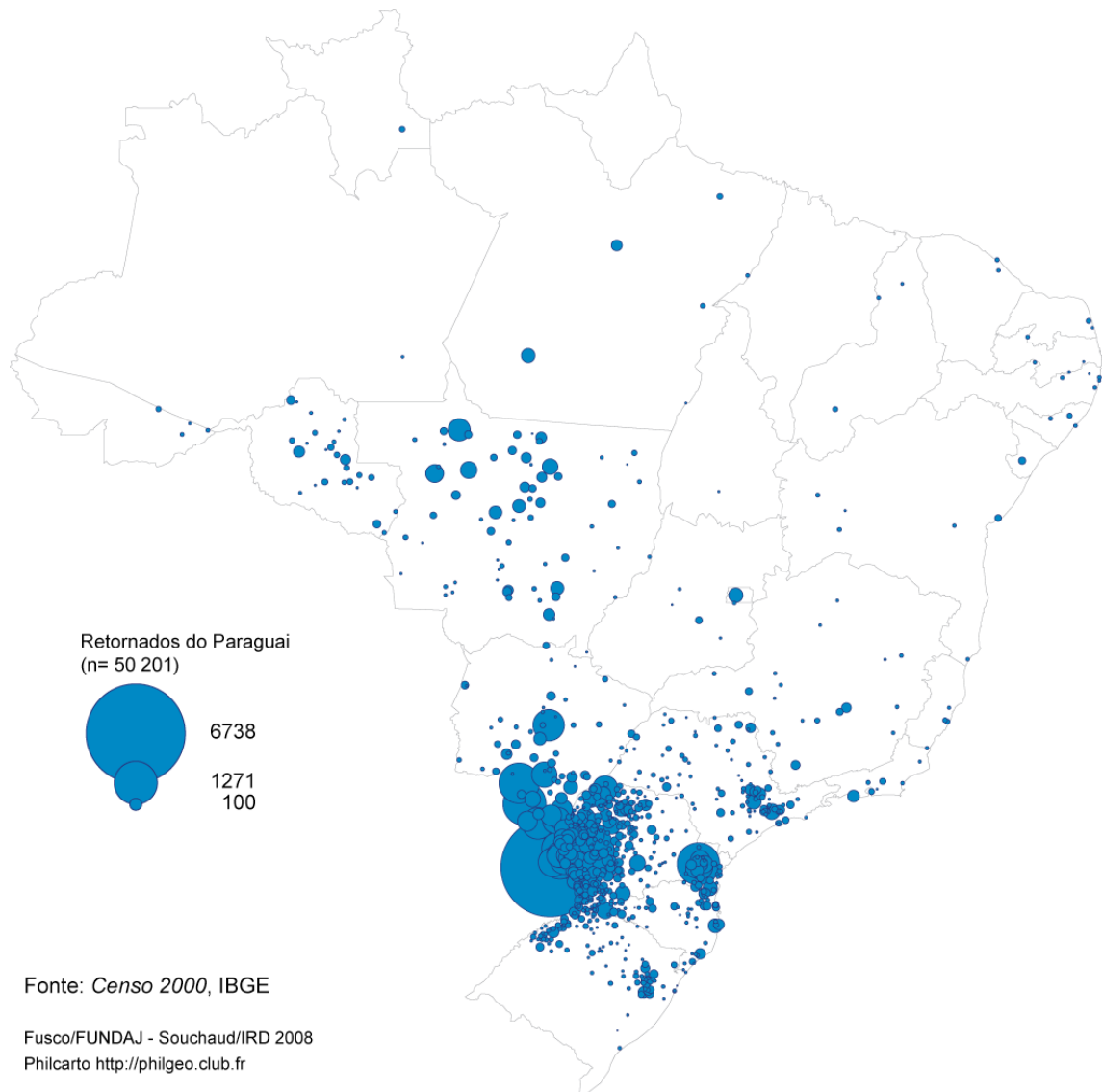
A migração de retorno é um elemento muito rico e, apesar disso, pouco explorado no contexto das migrações internacionais a partir do Brasil. Além disso, a análise do movimento de retorno permite a ampliação do conhecimento sobre os fluxos migratórios, uma vez que os diversos grupos de brasileiros no exterior estabelecem vínculos estreitos com comunidades específicas na origem. Essas comunidades, por sua vez, possibilitam, entre outras coisas, a possibilidade de alimentação do fluxo com novos migrantes, ou a recepção adequada para os que encerram seu projeto de migrar.

O censo de 2000 constitui uma fonte de dados que apresenta cobertura para todo o território nacional e permite uma grande diversidade de cruzamentos das características dos retornados com outras variáveis de interesse. Os mapas abaixo foram elaborados a partir do cruzamento da variável que indica o país de residência anterior (nos 10 anos anteriores ao censo) e o município de residência em 2000. Foram selecionados, para este

trabalho, os brasileiros retornados do Paraguai, Japão e Estados Unidos, por serem os principais destinos e, também, porque os retornados desses três países somam 60% dentre todos os retornados do exterior.

O deslocamento de volta do Paraguai é o movimento internacional de retorno com maior volume, dentre os registrados em 2000, no Brasil. Verificou-se que 50.201 pessoas nascidas e residentes no Brasil declararam residência anterior no Paraguai, entre 1990 e 2000. Essas pessoas representam 26,8% do total da população retornada de outros países, e esse contingente está bastante concentrado em duas Unidades da Federação: Paraná (61,8%) e Mato Grosso do Sul (16,2%).

Mapa 1. População nascida no Brasil que declarou residência anterior no Paraguai segundo município de residência em 2000.

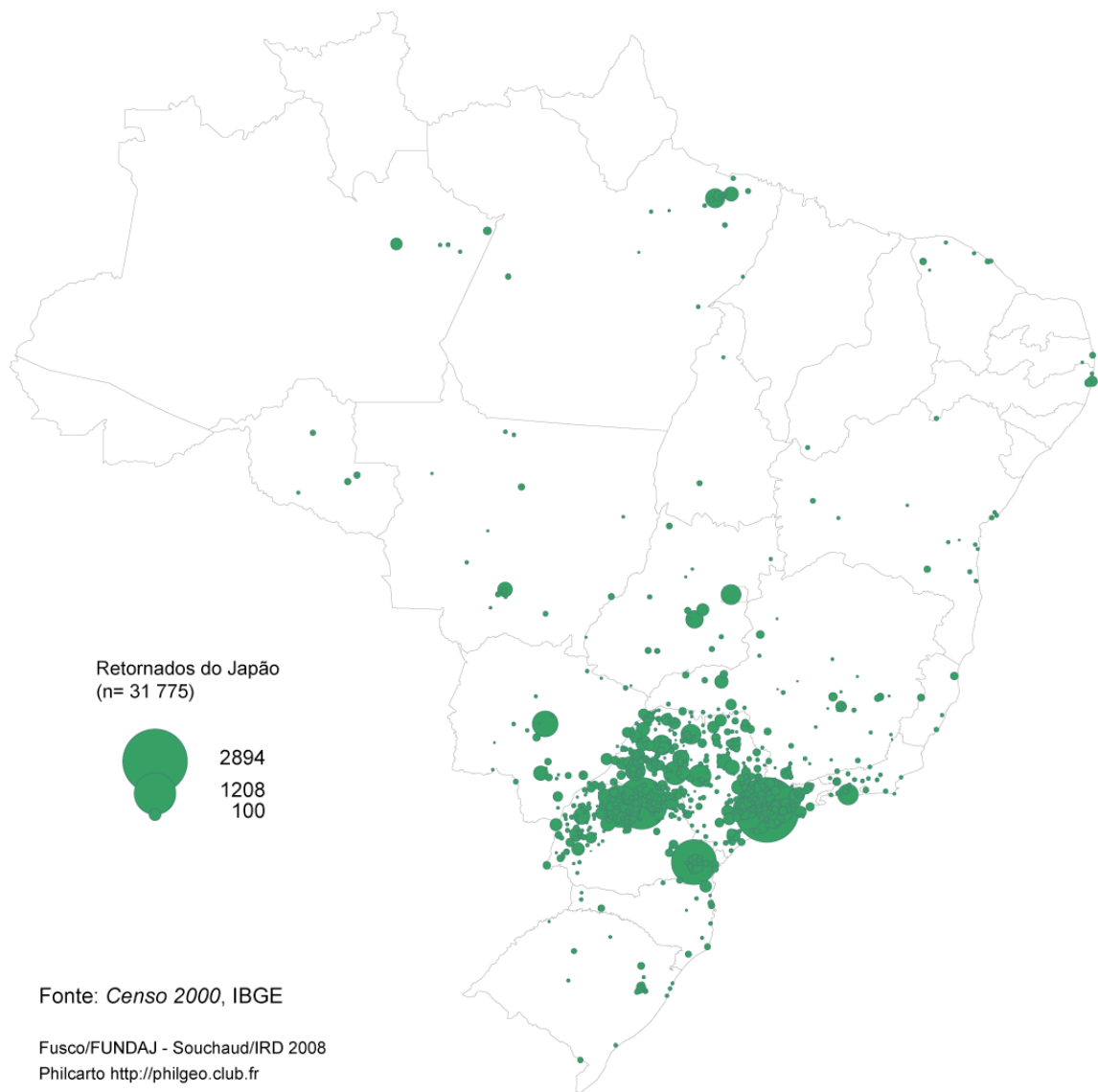


Os retornados do Paraguai se localizam predominantemente na fronteira, e o motivo mais provável é que esses migrantes se enquadrem no retorno em função do fluxo de emigração, sendo esse último definido, ou orientado, pela dinâmica sócio-espacial da fronteira agrícola. Essa maneira de articular o processo faz toda a diferença: o retornado não volta ao lugar de nascimento ou para onde residem familiares que não migraram, mas ao lugar onde a dinâmica territorial os tinha deixado antes de emigrar para o Paraguai; ou, em outros casos, para outros lugares mais ativos dessa mesma dinâmica territorial (novas fronteiras agrícolas, no Mato Grosso, por exemplo). De certa forma, isso não é nada mais que uma continuidade num processo migratório inacabado e suas

várias etapas. Esse caso demonstra que o retorno não é, necessariamente, o final de uma seqüência migratória, mas, ao contrario, constitui um elemento a mais num ciclo que se repete indefinidamente.

Os indivíduos, nascidos no Brasil, que tiveram o Japão como última etapa migratória antes de voltar ao país, formam o segundo maior contingente de retornados, ou seja, 17% do total (31.775 pessoas), segundo o censo de 2000. Ainda que esta proporção não se afaste muito da medida de retornados dos Estados Unidos, o tamanho da comunidade brasileira no Japão era muito menor que nos EUA, ambas estimadas pelo Ministério das Relações Exteriores em 225 mil e 800 mil pessoas em 2001, respectivamente (apud Fusco, 2005). Esse aparente paradoxo, ou seja, o conflito com a percepção de que seria menor a probabilidade de encontrarmos retornados saídos de um universo menor e espacialmente mais distante, é possível de ser explicado. O retorno, para esta argumentação específica, deve ser considerado, uma vez mais, em sua modalidade não-definitiva, observada no migrante retornado que retoma o trajeto ao exterior depois de residir determinado tempo no Brasil. Desse modo, os migrantes que vão ao Japão utilizam o benefício ofertado pela lei de imigração desse país, a qual permite múltiplos retornos aos descendentes de japoneses, enquanto que o migrante indocumentado que consegue entrar em território norte-americano mais raramente se arrisca a um retorno "temporário" ao Brasil. Dessa forma, para os *dekasseguis*, ao realizarem maior número de viagens entre origem e destino, a probabilidade de terem sido registrados como retornados no momento em que ocorreu o censo foi maior.

Mapa 2. População nascida no Brasil que declarou residência anterior no Japão segundo município de residência em 2000.



O tipo de concentração de locais de origem vinculado à migração para os Estados Unidos, conforme será visto mais adiante, contrasta fortemente com a distribuição dos municípios envolvidos com o movimento em direção ao Japão. Apesar de reconhecidamente menor em volume do que o fluxo que leva à América do Norte, o registro de brasileiros retornados do Japão contabiliza 13% dos municípios do Brasil como locais de chegada desses migrantes. O universo de municípios com residentes expostos ao risco de se envolver na migração

Brasil-Japão, no entanto, se restringe majoritariamente aos locais onde existem comunidades nipo-brasileiras, as quais se concentram nos estados de São Paulo e norte do Paraná, os quais respondem por mais de 80% dos retornos. Em São Paulo, quase 50% dos municípios têm migrantes retornados do Japão; no Paraná, essa proporção é de 41%, ainda que não existam comunidades de descendentes de japoneses em todas as cidades desses dois estados, o que aumenta a probabilidade de que a relação entre retornados e municípios com comunidades nipônicas seja ainda maior. Esses números revelam uma característica marcante desse movimento, associada à distribuição da população nipo-brasileira pelo território nacional: a simples existência de descendentes de japoneses numa localidade determina uma alta probabilidade de encontrarmos retornados do Japão. Isso ocorre, provavelmente, pelo fato de que os migrantes para os Estados Unidos seguem rotas marcadas pela falta de documentação apropriada e pela presença de redes sociais, enquanto que os migrantes para o Japão são selecionados, além da disposição de migrar, pela ascendência étnica, em sua grande maioria.

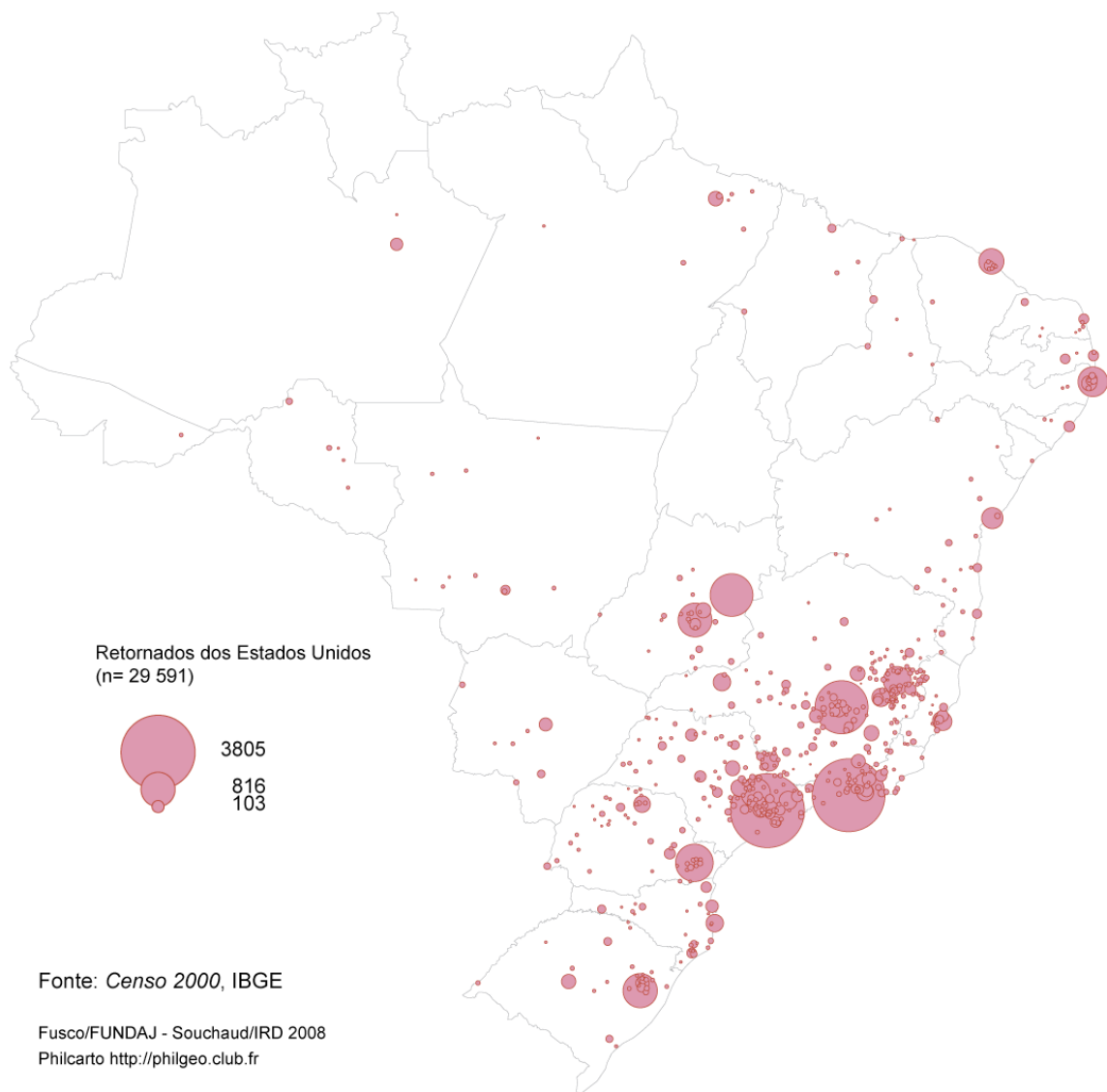
O fluxo de retorno dos Estados Unidos é o terceiro maior em volume registrado no censo de 2000. O número de pessoas nascidas e residentes no Brasil que viveram anteriormente nos EUA somava 29.591, perfazendo cerca de 16% do total de brasileiros retornados do exterior.

O reduzido número de municípios conectados com a migração para os Estados Unidos é uma característica marcante, evidenciada por vários ângulos. Em primeiro lugar, somente 10%, ou 555 dos 5507 municípios brasileiros registraram moradores residentes retornados dos Estados Unidos em 2000. A Região Sudeste, apesar de ser responsável por 43% da população nacional, contava com 66% dessa mesma categoria de migrantes. Minas Gerais, onde residia 10,5% da população brasileira, respondia por 21% dos retornados.

Quando mudamos a escala de observação para o limite espacial dos estados, constatamos mais uma vez que a grande maioria dos migrantes sai de um diminuto grupo de localidades: somente 64 municípios (dentre 555) têm proporção de retornados superior à média nacional; no estado de São Paulo, somente 17%, ou 110 dos 645 municípios têm retornados; em Minas Gerais,

essa proporção é de 19%. Esta última UF é a que mais sofre o impacto da conexão de emigrantes com os Estados Unidos, pois exibe o mais alto índice retornados/população total dentre todas.

Mapa 3. População nascida no Brasil que declarou residência anterior nos Estados Unidos segundo município de residência em 2000.



Assim, podemos dizer que os fluxos e contra-fluxos dos migrantes entre Brasil e Estados Unidos têm um padrão muito marcante na distribuição espacial da população, tanto na origem quanto no destino. Nos Estados Unidos, os

dados do Ministério das Relações Exteriores mostram que 90% dos brasileiros residiam na costa leste (apud Fusco, 2005). Quanto à origem, encontramos muito poucos municípios no Brasil envolvidos com esse movimento, os quais se localizam predominantemente na região Sudeste. Mesmo dentro dos limites estaduais onde a emigração é mais intensa, como é o caso de Minas Gerais, a proporção de municípios vinculados a comunidades brasileiras no exterior não chega a 20%.

As estratégias utilizadas pelos migrantes em seus projetos de viver e trabalhar em outros países podem ser analisadas por mais de uma perspectiva. Em primeiro lugar, a simples entrada em outro país pode ser o primeiro problema a ser resolvido. Uma vez passada a fronteira – ou o departamento de imigração – a permanência, com ou sem emprego, no país de destino exige outros cuidados e providências.

De maneira geral, o que distingue as estratégias a serem utilizadas é a situação do migrante quanto à documentação exigida pelo país receptor. Quando o migrante possui os requisitos necessários e, com isso, consegue obter o visto de permanência e trabalho, são suas habilidades próprias, seu capital humano, sua capacitação que exercerão maior influência em seu trajeto no país que escolheu. Por outro lado, se o potencial migrante precisa obter um documento falso para entrar no país, um outro documento desse tipo para trabalhar, e, ainda, conseguir um emprego, serão suas conexões sociais – principalmente seus amigos e parentes - a desempenhar papel mais importante em sua vida no estrangeiro.

A migração de brasileiros para o Paraguai é indissociável à dinâmica da fronteira agrícola: no retorno consegue-se resgatar tanto parte dos determinantes da emigração brasileira para o Paraguai, quanto elementos importantes da dinâmica territorial brasileira recente, esta que é ligada à movimentação da fronteira agrícola desde seus episódios no Sul do Brasil, no último quarto do século XX, até seus prolongamentos recentes. Ou seja, a conformação deste movimento específico está mais próxima de arranjos econômicos e geográficos, os quais incorporam uma população muito particular em sua dinâmica. Não se configura pertinente, neste caso, a questão a ser

aprofundada sobre estratégia para entrar e trabalhar no país de destino, da mesma forma que pode ser observada nos fluxos para o Japão e os Estados Unidos. Dessa forma, serão esses dois últimos países, e seus respectivos fluxos, os elementos a serem trabalhados com detalhes que possam complementar esta análise.

Para que a diferença entre a migração de brasileiros para os Estados Unidos e para o Japão fique mais evidente, dois grupos de informações devem ser confrontados: as estimativas do Ministério das Relações Exteriores e os levantamentos populacionais dos respectivos países de destino. Segundo o Ministério da Justiça japonês, residiam 312979 brasileiros no Japão, em 2006, enquanto que a estimativa do MRE ficava em 310.000, em 2007, ou seja, ambas as instituições divulgavam um volume muito semelhante; o censo dos Estados Unidos registrou 212.430 brasileiros residentes em 2000, ao passo que o MRE contabilizava, em 2001, 799.203 migrantes brasileiros vivendo lá. Essa comparação explicita o caráter de migração regular para o Japão e a predominância de indocumentados nos Estados Unidos, o que nos propicia a diferença necessária para o estabelecermos duas estratégias a serem usadas na migração.

A partir da diferença verificada em termos de legalidade do fluxo, passaremos a analisar os resultados de três *surveys*¹ realizados em cidades brasileiras que foram reconhecidas como importantes pontos de origem para fluxos em direção aos Estados Unidos (Governador Valadares-MG e Criciúma-SC) e ao Japão (Maringá-PR).

A maioria dos migrantes brasileiros que decidem viver no exterior, como visto, está distribuída entre bem poucos países. Os fluxos originados nas cidades que participaram dos *surveys*, contudo, apresentam índices de concentração no destino ainda maiores (Tabela 2). Os Estados Unidos abrigam 86% dos migrantes valadarenses e 60% dos oriundos de Criciúma; esta cidade

¹ O *survey* realizado em Governador Valadares-MG, em julho de 1997, fez parte do projeto CNPq (MCT/FINEP/PRONEX) intitulado "Imigrantes Brasileiros nos EUA – Cidadania e Identidade"; os *surveys* realizados em Criciúma-SC e em Maringá-PR, em junho de 2001, foram financiados pelo projeto FAPESP "As redes sociais nas migrações internacionais: os migrantes brasileiros para os Estados Unidos e Japão". Todos os projetos foram coordenados pela Profa. Dra. Teresa Sales.

também apresenta fluxos relevantes para a Itália (14%) e Portugal (11%), relacionados à presença de descendentes de imigrantes italianos e portugueses em Santa Catarina; o Japão, sem surpresas, é o destino de praticamente todo descendente de japonês natural de Maringá.

Tabela 2
Distribuição de migrantes brasileiros segundo país de destino,
por cidade de origem no Brasil.

<i>Pais</i>	<i>Governador Valadares</i>	<i>Criciúma</i>	<i>Maringá</i>
Estados Unidos	85,6	60,0	0,1
Canadá	2,5	1,6	--
Portugal	2,3	10,9	0,1
Japão	0,2	0,4	99,3
Itália	0,8	14,3	--
México	0,2	4,5	--
Outros	8,4	8,3	0,5
Total (%)	100,00	100,0	100
Total (N)	514	505	722

Fonte: Pesquisas amostrais.

A Tabela 3, a qual mostra a distribuição dos migrantes nos Estados norte-americanos e nas províncias do Japão, reforça o argumento de que a migração de brasileiros para os Estados Unidos apresenta uma conexão muito estreita de algumas cidades na origem com pontos específicos no destino. Os migrantes de Valadares, por exemplo, situam-se principalmente em Massachusetts (52%), Flórida (16%), Nova Jersey (15%) e Nova York (12%), além de uma proporção mínima (6%) que se dispersa pelos outros Estados; os cricumenses exibem uma concentração ainda maior, pois 83% dos que vão aos Estados Unidos ficam em Massachusetts, restando apenas 17% para serem contabilizados nos demais Estados; os migrantes que se dirigem ao Japão, por outro lado, apresentam uma concentração menor: 19% em Shizuoka, 17% em Aichi Ken, 14 províncias agrupando entre 6% e 2% dos migrantes, e todas as 47 províncias com alguma proporção de maringaenses.

Tabela 3
Distribuição de migrantes brasileiros segundo estado ou província no país de
destino, por cidade de origem no Brasil.

Governador Valadares		Criciúma		Maringá	
Massachusetts	51,8	Massachusetts	83,1	Shizuoka	19,2
Florida	15,9	Florida	5,4	Aichi Ken	17,4
Nova Jersey	14,7	Connecticut	3,8	Kanagawa Ken	6,6
Nova York	11,7	Texas	1,9	Tóquio	5,9
Outros	5,9	Outros	5,8	Outros	50,9
Total (%)	100,0	Total (%)	100,0	Total (%)	100,0
Total (N)	403	Total (N)	302	Total (N)	604

Fonte: Pesquisas amostrais

A distribuição dos brasileiros pelas cidades dos Estados Unidos e Japão apresenta também um padrão de alta concentração para o primeiro país, e certa “diluição” dos migrantes no segundo, como mostra a Tabela 7. Boston agrega 38% dos migrantes de Valadares e 59% dos oriundos de Criciúma, mas se levarmos em conta que Framingham, Somerville, e outras cidades² com índices menores de imigrantes se localizam na região metropolitana de Boston, concluiremos que a concentração de brasileiros nessa região é ainda maior. Os migrantes que vão ao Japão, por outro lado, não se concentram de forma destacada em nenhuma cidade no destino. Ao contrário, encontram-se espalhados por 177 cidades, enquanto que os valadarenses alcançam um máximo de 61 e os cricumenses chegam somente a 35 cidades nos Estados Unidos.

Tabela 4

Distribuição de migrantes brasileiros segundo cidade no país de destino, por cidade de origem no Brasil.

Governador Valadares		Criciúma		Maringá	
Boston	37,6	Boston	58,9	Nagoya	7,2
Nova York	9,4	Somerville	6,8	Hamamatsu	5,7
Newark	5,5	Miami	4,1	Tóquio	5,1
Framingham	4,9	Hartford	3,4	Osaka	4,5
Outras	42,5	Outras	26,8	Outras	77,5
Total (%)	100,0	Total (%)	100,0	Total (%)	100,0
Total (N)	383	Total (N)	292	Total (N)	528

Fonte: Pesquisas amostrais

O que é necessário para que um indivíduo ingresse em um fenômeno de massa, especificamente no movimento migratório para os Estados Unidos ou para o Japão? Por um lado, há que se considerar os riscos envolvidos no

processo, como a possibilidade de prisão e deportação. Além disso, também devem ser levados em conta os custos emocionais e financeiros, como o distanciamento da família e dos amigos, e os gastos para financiar a viagem, pagar aluguel, sobreviver, enfim, até a obtenção de um emprego. Por outro lado, o conjunto de recursos disponíveis no interior de grupos sociais que extravasam fronteiras nacionais, quando mobilizado eficientemente, atenua significativamente os riscos e custos para quem decide pela migração; ou então, são as instituições que agem como recrutadoras que propiciam os recursos necessários.

Os resultados dos *surveys* mostram quem o migrante conhecia no destino antes de sua primeira viagem. Enquanto que 20% dos valadarenses declararam não conhecer ninguém no país de destino, mais de 56% tinham parentes e aproximadamente 24% tinham pelo menos um amigo aguardando sua chegada. Os laços de parentesco são reconhecidamente os mais importantes na migração a partir de Governador Valadares (Assis, 2004; Fusco, 2002).

A relevância dos grupos familiares na emigração valadarenses fica ainda mais evidente se analisada pelo período de migração. Por ter uma história de migração mais antiga, o movimento de Valadares pode ser dividido em três períodos distintos: momento de aceleração (de 1961 a 1986), clímax (1987 a 1989) e desaceleração e estabilidade (1990 a 1997). Observou-se o decréscimo contínuo na proporção de indivíduos que não tinham nenhum conhecido no exterior, a qual corresponde à quase um terço dos migrantes na fase inicial, reduzindo-se a pouco mais de um décimo no último período.

Ao mesmo tempo, a proporção de pessoas que tinham parentes nos Estados Unidos cresce de 45% na primeira fase para mais de dois terços no período mais recente. As conexões familiares aparecem em destaque no processo migratório que se amplia pela cidade, até o momento em que quase todos os potenciais migrantes tenham pelo menos um parente ou amigo nos Estados Unidos. Essa dinâmica deixa clara, mais uma vez, a associação entre a expansão do movimento e a circulação de recursos importantes entre os membros de determinados grupos de parentesco ou de amizade.

A origem dos recursos financeiros usados pelos valadarenses na preparação da viagem para os Estados Unidos também foi estudada. Menos da metade dos migrantes contou somente com recursos próprios, enquanto que 40% solicitaram e receberam a ajuda de parentes, 9% tiveram auxílio dos amigos, 4% recorreram às agências de viagens, e 2% tiveram ainda outra fonte de financiamento. Os serviços oferecidos pelas agências de viagens configuram-se mais como arranjos institucionais do que relacionais, porém as informações necessárias para sua utilização passam certamente pelas conexões sociais. Além disso, deve ser ressaltado que o dinheiro obtido dessa forma não é o que se considera mais importante, mas o empréstimo na forma de favor, que guarda procedimentos de quitação diferentes daqueles utilizados pelas instituições financeiras.

Os mesmos dados citados acima, agrupados segundo o período da primeira viagem aos Estados Unidos, permitem uma visão dinâmica do uso das redes sociais. Ao mesmo tempo em que cai de forma contínua a proporção de pessoas que utilizaram somente recursos próprios, de 49% no primeiro período para 43% no período mais recente, o índice que mostra o auxílio financeiro oferecido por parentes cresce de 36% para 43%. A importância que têm os laços familiares para um indivíduo decidido a migrar para os Estados Unidos é evidente, mas o principal efeito dessa forma de análise dos dados é o de mostrar a relação entre a ampliação do movimento e a crescente utilização do capital social disponível, no processo migratório de Governador Valadares.

As próximas informações caracterizam os fluxos migratórios de Criciúma e Maringá de acordo com a condição de presença do migrante e o tipo de ajuda recebida em sua primeira viagem ao exterior. Se o migrante encontrava-se no domicílio pesquisado, ele foi classificado como "retornado"; caso estivesse em outro país, constaria como "ausente". Ao declarar quem forneceu os recursos financeiros necessários e informações sobre hospedagem e emprego, o migrante acaba revelando a teia de relações que liga origem e destino e que sustenta os fluxos migratórios. As categorias registradas indicam se o migrante recebeu a ajuda de parentes, amigos, agência de recrutamento ou se não recebeu qualquer tipo de auxílio.

Um dos mecanismos que promove a circulação de recursos pelas redes sociais é a reciprocidade como norma de comportamento, a qual pode ser específica ou difusa, conforme foi observado em outro estudo (Fusco 2005). A ajuda para encontrar hospedagem, por exemplo, não necessariamente é fornecida pelos laços sociais fortes: se um parente fornece essa ajuda, ele pode hospedar o migrante em sua própria residência ou ainda fornecer informações ou indicações de possíveis locais, nos quais outros imigrantes devam algum favor àquele parente, ou ainda a outro imigrante. O mesmo ocorre para a ajuda na obtenção do primeiro emprego. Essa troca de preciosas informações e favores, que ocorre por meio de laços fortes e fracos, é fundamental para aqueles que se encontram em situação irregular noutro país e sem conhecimento do idioma local.

É justamente nesse momento que podem ser percebidas as diferentes estratégias dos migrantes de Criciúma e Maringá para realizar o projeto migratório. De acordo com as informações obtidas pelo *survey* em Criciúma, somados os migrantes que contaram com recursos financeiros de parentes e amigos teremos 41% dos retornados e 51% dos ausentes. Pode-se dizer, então, que os migrantes de Criciúma têm utilizado os recursos financeiros disponibilizados pelas redes sociais de forma considerável, o que também foi verificado no caso de Governador Valadares.

No quesito hospedagem, a utilização dos recursos das redes é ainda mais visível: 83% dos migrantes retornados e 92% dos ausentes conseguiram hospedagem graças a parentes ou amigos, enquanto que apenas 10% dos retornados e 8% dos ausentes não obtiveram qualquer tipo de auxílio nesse sentido. As agências de recrutamento estão presentes no projeto migratório de pouquíssimos migrantes cricumenses: 0,7% dos retornados e 1,2% dos ausentes recorreram a este tipo de serviço.

A obtenção do primeiro emprego no destino, no caso do fluxo que parte de Criciúma, é outro aspecto que chama a atenção quanto ao uso do capital social: 81% dos retornados e uma proporção semelhante dos ausentes conseguiram o primeiro emprego por meio de parentes ou amigos. Deve ser ressaltado aqui que, para todas as fontes de favores exibidas, os retornados

utilizaram menos os recursos disponibilizados pelos laços sociais que os ausentes. Essa diferença pode indicar uma característica seletiva sobre aqueles migrantes, determinando uma probabilidade maior ou menor de permanecer no destino.

O quadro em Maringá se mostra totalmente diferente de Criciúma. Nenhum migrante da amostra utilizou recursos financeiros disponibilizados por amigos. Apenas 18% dos retornados e 16% dos ausentes recorreram ao auxílio de parentes. Em compensação, 52% dos retornados e 64% dos ausentes obtiveram os recursos financeiros necessários para a primeira viagem por intermédio de agências de recrutamento. Nos demais aspectos, é também o auxílio prestado pelas agências de recrutamento que predomina no projeto dos migrantes que partem de Maringá: 59% dos retornados e 71% dos ausentes tiveram a hospedagem no destino providenciada por agências. O índice é ainda maior quando se trata do auxílio para a obtenção do primeiro emprego no destino: 69% dos retornados e 75% dos ausentes utilizaram as agências de recrutamento. Esses números indicam uma configuração oposta ao do movimento analisado em Criciúma, onde as redes sociais de parentesco e amizade predominam na oferta de recursos: a ajuda necessária aos migrantes de Maringá tem origem nas agências de recrutamento, que programam desde o financiamento da passagem aérea até o emprego.

Considerações finais

A adaptação do imigrante na sociedade norte-americana, as características de ampliação do movimento migratório, e a ligação tão estreita entre locais de origem e de destino, são elementos que estão associados ao modo com que a comunidade migrante se organiza socialmente. O que pode ser observado é que a maior parte dos indivíduos que ingressam em fluxos migratórios internacionais com predominância de indocumentados – e, especificamente aquele que leva aos Estados Unidos – pertencem a determinados grupos sociais, sejam de familiares ou de amigos, os quais,

excepcionalmente, transplamam um ou mais pontos de suas redes para o país de destino.

Quando os imigrantes já estabelecidos propiciam a circulação de certos recursos, os quais correspondem às necessidades conjunturais dos que acabam de chegar, as condições adversas são atenuadas, e o novo imigrante se adapta mais facilmente à nova realidade. Os dados sobre transferências de recursos mostram claramente que a principal fonte de ajuda para os imigrantes são os favores obtidos por meio de laços sociais. Empréstimos diferenciados, acolhimento ou indicação para hospedagem, e preciosas informações sobre emprego, são benefícios mediados pelas redes de relacionamentos. Além disso, resultou claro que as redes de parentesco são as mais importantes nesse aspecto.

Os benefícios obtidos por meio de favores passam por canais muito restritos. Inicialmente, poucas pessoas podem usufruí-los exatamente porque poucos grupos têm acesso a contatos no exterior. Com o passar do tempo, o aumento do contingente de migrantes proporciona o aumento correspondente de grupos na origem com laços transnacionais. O processo de aceleração do movimento ocorre de forma gradual, ao contrário do fluxo de dekasseguis, que se amplia como se estes respondessem a um chamado que atinge a todos. Para o caso dos brasileiros nos Estados Unidos, o extravasamento dos recursos do capital social leva certo tempo para atingir outros grupos, o que confere um fator limitante ao ritmo de expansão do movimento. Cadenciada, a ampliação da migração ocorre localmente, em função da circunscrição da base territorial na qual os laços sociais estão estruturados.

Devido à limitação espacial dos grupos sociais, a expansão do movimento ocorre primordialmente em territórios contíguos, como domicílios de uma mesma vizinhança ou bairro. Os imigrantes nos Estados Unidos, contudo, não pertencem necessariamente aos mesmos grupos em suas cidades de origem. Assim, podemos imaginar vários pontos nessas cidades a partir dos quais algumas manchas se espalham, correspondendo ao aumento do fluxo migratório. Por esse motivo, fica muito fácil entender porque somente algumas cidades brasileiras apresentam altos índices de migração internacional para os

Estados Unidos, ao mesmo tempo em que um número ainda menor de cidades desse país aparece como local de destino. Por outro lado, os pontos de origem para o Japão estão vinculados às características individuais dos potenciais migrantes, os quais não necessitam de favores para se organizar em seu projeto migratório.

Referências Bibliográficas

- ASSIS, G. O. **De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares e de gênero nas vivências dos novos migrantes brasileiros**. Tese de Doutorado em Ciências Sociais. IFCH-UNICAMP. 2004.
- FUNDAÇÃO IBGE. **Censo Demográfico de 2000**. Rio de Janeiro. 2001.
- FUSCO, W. Capital Social e Dinâmica Migratória: um estudo sobre brasileiros nos Estados Unidos. **Textos Nepo**, n. 52. Campinas, 2007.
- FUSCO, W. **Capital Cordial: a reciprocidade entre os imigrantes brasileiros nos Estados Unidos**. Tese de doutorado em Demografia, IFCH – Universidade Estadual de Campinas, 2005.
- _____. *Redes Sociais na Migração Internacional: o caso de Governador Valadares*. In: **Textos Nepo n. 40**. Unicamp, Campinas. 2002.
- _____. *Diferenciais por sexo nas migrações internacionais*. **Anais do XII Encontro Nacional de Estudos Populacionais – GT de migração – ABEP**. 2000.
- MASSEY, D. S.; GOLDRING, L. *Continuities in transnational migration: an analysis of thirteen Mexican communities*. Washington (Paper presented at Workshop U.S. **Immigration research: an assessment of data needs for future research**, financed by National Research Council) 1992.
- MASSEY, D. S. et al. **Worlds in Motion: understanding international migration at the end of the millennium**. Clarendon Press, Oxford. 1998.
- _____; ESPINOSA. E.; *What's driving Mexico-US Migration? A theoretical, empirical, and policy analysis*. In: **American Journal of Sociology**. n. 102. 1997
- _____. et al.. **Return to Aztlan**. Los Angeles: University of California Press. 1987
- PORTES, A. *Economic sociology and the sociology of immigration: a conceptual overview*. In: **The economic sociology of immigration**. Nova York: Russel Sage Foundation. 1995.
- _____. *From south of the border: Hispanic minorities in the United States*. In: YANS, M. V. (org.) **Immigration reconsidered: history, sociology, and politics**. Nova York: Oxford University Press. 1990.
- PUTNAM, R.D. **Making Democracy Work: Civic Traditions in Modern Italy**. Princeton: Princeton University Press. 1993.
- SALES, T. **Brasileiros longe de casa**. São Paulo: Editora Cortez. 1999.
- TILLY, C. *Transplanted networks*. In: YANS, M. V. **Immigration reconsidered: history, sociology, and politics**. Nova York: Oxford University Press. 1990.

SOUCHAUD, S.. Tendances de l'immigration au Paraguay. Premiers résultats du Recensement 2002. **Revue Européenne des Migrations Internationales**, 2004, n. 3: pp.179-84.

_____.. **Geografía de la migración brasileña en Paraguay.**

Asunción: UNFPA - ADEPO

http://www.brasil.ird.fr/article.php3?id_article=3034. 2007, 382 pp.